

Norma Breda dos Santos
(ORGANIZADORA)

Brasil e Israel

Diplomacia e sociedades

EDITORA

UnB

Outros lançamentos da Editora UnB

Economia e sociedade – vols. I e II

Max Weber

A formação da realidade econômica

Rita de Cássia L. F. Santos

A natureza, o homem e a economia

Helano Maia de Souza

Lutas, jogos e debates – 2ª edição

Anatol Rapoport

Poder e sociedade – 2ª edição

Abraham Kaplan

Harold Lasswell

Sindicalismo e democracia

Betina Schürmann

Política e graça

Christian Meier

A proteção internacional dos direitos humanos e o Brasil

Antônio Augusto Cançado Trindade

Política de defesa no Brasil

Domício Proença Jr.

Eugenio Diniz

Brasil e Israel: diplomacia e sociedades

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor
Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Lima, Airton Lugarinho de Lima Camara, Emanuel
Oliveira Araújo, Hermes Zaneti, José Maria Gonçalves de
Almeida Júnior, Moema Malheiros Pontes



Norma Breda dos Santos
(organizadora)

Brasil e Israel: diplomacia e sociedades

*Coleção Relações Internacionais,
dirigida por Amado Luiz Cervo*

EDITORA



UnB

Copyright © 2000 by Norma Breda dos Santos (organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS Qd. 02 Bloco C Nº 78

Ed. OK 2º andar

70300-500 Brasília – DF

Tel: (0xx61) 226-6874

Fax: (0xx61) 225-5611

editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Equipe editorial: Wânia de Aragão-Costa (Preparação de originais); Terra Brasil – Fábrica de Textos (Revisão); Fernando Luis (Editoração eletrônica); Márcio Duarte (Capa)

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B823 Brasil e Israel: diplomacia e sociedades / Norma Breda dos Santos (organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2000.
264p. – (Coleção relações internacionais)

ISBN 85-230-0592-7

1. Relações internacionais – Brasil. 2. Relações internacionais - Israel. 3. Diplomacia. 4. Política internacional. I. Santos, Norma Breda dos. II. Série.

CDU 327(81:569.4)

Para Helena Salem

Sumário

APRESENTAÇÃO, **9**
AMADO LUIZ CERVO

PREFÁCIO, **13**
NORMA BREDAS DOS SANTOS

PARTE I

O BRASIL E A QUESTÃO ISRAELENSE NAS NAÇÕES UNIDAS: DA CRIAÇÃO DO
ESTADO DE ISRAEL AO PÓS(?)-SIONISMO, **19**
NORMA BREDAS DOS SANTOS

BRASIL-ISRAEL: DA PARTILHA DA PALESTINA AO RECONHECIMENTO
DIPLOMÁTICO (1947-1949), **71**
TULLO VIGEVANI E ALBERTO KLEINAS

O BRASIL DE VARGAS E AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM ISRAEL:
ANÁLISE COMPARATIVA COM A ARGENTINA, 1949-1955, **115**
LEONARDO SENKMAN

ISRAEL E O MUNDO ÁRABE NO CRUZAMENTO DAS ESCOLHAS
INTERNACIONAIS DO BRASIL, **149**
ANTÔNIO CARLOS LESSA

PARTE II

BRASIL E ISRAEL NA GLOBALIDADE: UM ENSAIO, **189**
PEDRO P. GEIGER

“JUDEUS MESSIÂNICOS” E SUA “CASA DE ISRAEL” EM BRASÍLIA:
TEMPO, ESPAÇO E IDENTIDADE, **217**
SONIA BLOOMFIELD RAMAGEM

MÍDIA E ORIENTE MÉDIO: UMA RELAÇÃO DE GUERRA E PAZ, **235**
DIANE KUPERMAN

Parte II

“Judeus messiânicos” e sua “Casa de Israel” em Brasília: tempo, espaço e identidade*

*Sonia Bloomfield Ramagem***

Em 19 de dezembro de 1998, a Federação Internacional de Judeus Messiânicos (FIJM), sediada em Tampa, na Flórida, Estados Unidos, inaugurou uma “sinagoga” denominada “*Beit Israel*” (casa de Israel), em Brasília. Este acontecimento, precedido por uma série de pequenos conflitos, provocou forte reação da comunidade judaica, local e nacional.

A instalação da referida “sinagoga” constitui oportunidade ímpar para estudar a questão judaica mais importante da modernidade: o que é ser **judeu**? Como antropóloga, a autora poderia tentar responder a questão do ponto de vista religioso, enfocando apenas aspectos socioculturais. Sendo também geógrafa, deve considerar o elemento **espaço**, ainda que o conceito de território “não [seja] comumente utilizado no estudo acadêmico da religião”.¹ Desse modo, a tarefa torna-se, por natureza, geográfica e antropológica. A análise do problema salienta, ademais, inúmeras questões relativas à identidade étnica, à nacionalidade, à modernidade, à tradição, ao individualismo, ao particularismo, ao

* A autora agradece a participação de David Letichevsky na pesquisa e na discussão que levou à elaboração do texto.

** Universidade de Brasília.

¹ GILL, Sam. “Territory”. In: *Critical terms for religious studies*. Chicago/London: Mark C. Taylor/The University of Chicago Press, 1998, p. 298.

espaço e ao lugar, ao comunalismo e à globalização. Esses tópicos encontram-se completamente ligados à reflexão do que é ser judeu. Devido à pouca extensão do presente texto, serão aqui tratados de modo sintético.

Ser judeu implica uma identidade, pertencer a um grupo étnico, ter uma nacionalidade além de qualquer outra, ser definido pelas mais diferentes correntes do judaísmo criadas pela modernidade e contestadas pela tradição, ser definido pela força da comunidade sobre a individualidade, pela particularidade cultural no meio do processo homogeneizante e contínuo da globalização econômica. A inauguração da “sinagoga” em Brasília constitui, desse modo, oportunidade para o estudioso realizar profícuo trabalho de pesquisa. O material apresentado aqui é parte de pesquisa de longo prazo, iniciada no final de 1998.

Síntese dos antecedentes históricos do evento

Além de sediar a Embaixada do Estado de Israel, Brasília possui 3 organizações judaicas: a Associação Cultural Israelita de Brasília (ACIB), o *Beit Chabad* (casa da alegria, ramo do judaísmo ortodoxo) e a *Chevrah Kadishah* (associação funerária judaica). Hoje, a comunidade judaica local é composta por cerca de 180 famílias, muitas das quais formadas por casamentos mistos. O número total de judeus, pelos padrões da *Hallahah* (lei judaica), não passa de 400 pessoas.

A ACIB foi criada por pequeno grupo de judeus em 1964, 4 anos após a inauguração de Brasília. No início, funcionava como centro cultural comunitário, que congregava judeus e membros de famílias de casamentos mistos. Com o passar do tempo, outras pessoas sem origem judaica associaram-se à ACIB, em função de laços de amizade com seus membros ou de interesse por assuntos judaicos ou israelenses. A cerimônia do *Shabat*² era celebrada

² Sábado, que vai do surgimento da primeira estrela na sexta-feira até a ocorrência do mesmo fenômeno no sábado.

em uma das salas da sede da ACIB, nem sempre com *Minyan*.³ Em 1984, por curto espaço de tempo, a comunidade contou com a presença de um rabino conservador.

A sinagoga do *Beit Chabad* foi inaugurada em 1986. No começo de seus trabalhos, sua existência provocou certo mal-estar entre os membros não-ortodoxos ou não-religiosos da ACIB. Em 1998, porém, tanto a ACIB quanto o *Beit Chabad* mantinham estreita colaboração na celebração dos mais importantes rituais religiosos e na realização de eventos do calendário judaico. Os judeus mais religiosos ou tradicionais juntaram-se às celebrações do *Shabat* promovidas pelo *Beit Chabad*, sem deixar de pertencer à ACIB, cujas grandes festas e comemorações são celebradas pelo rabino do *Beit Chabad*.

Nas décadas de 80 e 90, os movimentos evangélicos e pentecostais cresceram consideravelmente no Brasil, fenômeno que muitos estudiosos avaliam "como o mais importante fenômeno social destas décadas".⁴ Esses grupos religiosos podem ser, *grosso modo*, caracterizados como fundamentalistas⁵ e poucos estudos existem sobre eles. Sua estreita ligação com o que denominam de *Velho Testamento* ou *Tanach*⁶ afigura-se aspecto básico de suas crenças e de suas práticas religiosas. Os participantes destes grupos possuem, assim, sentimento positivo pelo Estado de Israel e pelo seu povo, embora muitos de seus adeptos queiram converter os judeus de todo o planeta, preparando-os para a "Segunda Vinda de Cristo ao Mundo".

No contexto mundial, existem grupos e instituições internacionais que congregam cristãos dedicados ao **messianismo**, cujo

³ Grupo de 10 homens judeus adultos necessários à realização de cerimônias e orações judaicas.

⁴ Ver GOMES, Paulo Cesar C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

⁵ BLOOMFIELD RAMAGEM, Sonia. "Fundamentalismo e espaços: uma análise geográfica". Simpósio Brasileiro sobre Cultura e Espaço, NEPEC/UERJ, Rio de Janeiro, 1998 (mimeo.).

⁶ Nome hebraico para o que os cristãos denominam, geralmente, de "Antigo Testamento".

objetivo é converter judeus ao cristianismo, ou viver o que qualificam como “um modo de vida judaica, acreditando, no entanto, que Cristo seja o Messias”.

Por meio da Internet (www.fijm.org) foi possível localizar *sites* de 6 destas organizações, entre elas a já mencionada FIJM. Seu *site* informa que

a FIJM é uma Organização Internacional colocada pelo Senhor no coração do rabino Haim Levi em 1978 (...). Este rabino ordenou inúmeros rabinos judeus messiânicos na Argentina, na França, em Israel, no México e nos Estados Unidos. [Seus líderes] são o rabino Levi e sua esposa, Rachelle Levi, ambos judeus sefarditas nascidos na Colômbia e na Grécia, respectivamente. (...) Uma das prioridades mais importantes desta organização internacional é a necessidade de receber, no judaísmo, os milhares, até os milhões, de judeus nascidos “marranos”⁷, que são descendentes de judeus sefarditas, atualmente espalhados por todo mundo, da Espanha a Portugal, e nas nações onde o português e o espanhol são falados. A FIJM entende claramente que nós, na qualidade de judeus, fomos chamados para pregar a palavra de Cristo a todos as tribos de Israel espalhadas pelos 4 cantos do mundo.

No convite enviado para a inauguração da “sinagoga” *Beit Israel* de Brasília, lia-se que a “Associação Israelista para Restauração Profética e Preparação Messiânica do Brasil e a Federação Internacional de Judeus Messiânicos dos Estados Unidos da América têm a honra de convidar (...)”. O convite era acompanhado por um panfleto que dizia: “(...) somos extremamente compromissados em despertar nos Judeus e seus descendentes o desejo de fazer a *Teshuvah*,⁸ isto é, o retorno à adoração do nosso D’us Adonai [e escrevem o Santo Nome]”.

⁷ Cristãos-novos, judeus convertidos à força *ap critianimo* pela Inquisição.

⁸ Arrependimento, retorno ao judaísmo.

Os antecedentes da crise

Conforme já mencionado, a ACIB congrega, em seu quadro de associados, membros não-judeus. Entre eles, o advogado João (nome fictício) que, em 1997, após 4 anos de filiação, decidiu participar, como aluno, de um curso de hebraico para iniciantes, ministrado nas dependências da ACIB por uma israelense. Posteriormente, ele convidou seus colegas de curso, judeus e não-judeus, para participarem de cerimônia de *Shabat* em sua residência, que denominava "sinagoga".

Essa iniciativa, entre outras, tornou João *persona non grata* para a comunidade. Como consequência, sua filiação à ACIB foi cancelada pelo presidente da entidade, o que levou João a ameaçá-lo com um processo judicial. A reprimenda acabou não acontecendo, visto que o estatuto da ACIB permite que seu presidente cancele qualquer filiação, a qualquer tempo.

João e alguns seguidores deixaram de freqüentar a ACIB e decidiram estabelecer uma "sinagoga" na casa do próprio João. No *Rosh Hachanah* (ano novo judaico), comemorando 5757, João foi entrevistado pelo canal de televisão católico *Rede Vida*, na qualidade de "rabino de Brasília". Em determinado momento da entrevista, rezou o "Pai Nosso" como oração judaica. Apesar dos protestos feitos por alguns membros da comunidade junto à direção de *Rede Vida*, a tevê nunca se retratou do "erro" cometido.

Logo após o primeiro incidente, em dezembro de 1998, João adquiriu duas salas em um centro comercial, na mesma rua em que se encontra a ACIB, e enviou, à imprensa local, ao presidente da ACIB e ao embaixador de Israel em Brasília, convites para a inauguração de sua "sinagoga". Apenas um dos jornais brasileiros noticiou a inauguração, com o título "Amanhã Brasília terá seu primeiro templo judaico".⁹

A inauguração da "sinagoga" ocorreu no dia 19 de dezembro. No dia anterior, o embaixador israelense respondeu ao convite com uma carta na qual declarava não o poder aceitar, uma

⁹ *Jornal de Brasília*, 18 de dezembro de 1998.

vez que, ao ler o material escrito em hebraico enviado juntamente com o convite, percebeu que o nome da instituição indicava que ela se dizia israelense. Desse modo, escreveu o embaixador:

informo a V. Sa. que não é verdade que essa instituição tenha qualquer ligação religiosa ou nacional com o Estado de Israel. Creio ser importante que V. Sa. diga isto publicamente (...). Quero ainda expressar minha indignação com relação ao conteúdo em determinados trechos do panfleto enviado junto com o convite, que me ofendem profundamente e são totalmente contrários às crenças judaicas.¹⁰

Em 6 de janeiro de 1999, o jornal *Correio Braziliense* publicou uma página inteira sobre o assunto, com o título “A guerra das sinagogas: a inauguração de um templo na 205 Norte irrita o embaixador de Israel e a Associação Israelita”. A matéria era claramente tendenciosa, afirmando que o “atencioso” convite feito ao embaixador fora “grosseiramente respondido”. Exibia foto ampliada do Rabino João no púlpito da “sinagoga”, vestido como judeu ortodoxo, próximo de uma *Menorah*,¹¹ de uma Estrela de David e de uma bandeira, comemorando o quinquagésimo aniversário da fundação do Estado de Israel. Na matéria, João declarava que sua mãe era judia, assim como outros membros de sua congregação.

A reação da comunidade judaica

A autora também recebeu o convite para a cerimônia de inauguração da “sinagoga” e quando decidiu aceitá-lo foi desencorajada por alguns membros da comunidade judaica. Eles temiam a inauguração, por pensar que poderia ser perigoso, além do que João poderia estar ganhando dinheiro de pessoas inocentes e poderia não gostar de minha presença. Além disso, acreditavam na

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ Candelabro de 7 braços, símbolo do judaísmo e do Estado de Israel.

possibilidade de que João queria converter “nossos” jovens e de que precisavam aprimorar nosso trabalho de educação judaica, etc.

As reações da comunidade judaica à inauguração da “sina-goga”, em si mesma, também foram variadas. O rabino do *Beit Chabad* sustentava que a “sinagoga” deveria ser simplesmente ignorada, enfatizando a necessidade de fortalecer a educação judaica local. Alguns sugeriram processar João pela interpretação incorreta do conceito de ser judeu. Outros achavam que o “embuste” era extremamente grave e que se deveria escrever algo à imprensa local para esclarecer o que estava acontecendo, ou seja, que tais pessoas não deveriam ser confundidas com os verdadeiros judeus e, dessa maneira, eventuais tentativas de enterrar um dos seus no cemitério da comunidade, por exemplo, deveriam ser completamente excluídas, etc.

Com o objetivo de ouvir outras opiniões a respeito da polêmica, entrevistamos pequeno grupo de pessoas da comunidade judaica local (pessoas de meia idade, jovens, brasileiros e israelenses, homens, mulheres e crianças filhos de casamentos mistos, assim como judeus pela *Halachah*). Das reações ouvidas, algumas atribuíam o incidente à globalização; outras ao fato de se estar no Brasil, onde “acontecem coisas desse tipo”. Alguns demonstraram indignação, afirmando que “eles não têm sangue judeu”; outros, resignados, reagiram com “se eles querem ser judeus, que sejam!”

Não serão detalhadas aqui as entrevistas realizadas. No entanto, pode-se entender, facilmente, a interconexão existente entre a identidade étnica judaica e seus vários derivativos, particularmente o comunitarismo e a linha de descendência.

O que dizem os judeus messiânicos

No *site* da FIJM foi possível obter endereço e telefones para contatá-la. Ao telefonarmos para a Federação, nos Estados Unidos, fomos pessoalmente atendidos por seu fundador, o rabino Levi. Explicamos-lhe que estávamos fazendo a chamada para averiguar se os sobrenomes Coelho e Araújo eram descendentes

judaicos. Prontamente, ouvimos do rabino Levi que “claro que você é judeu! Estes sobrenomes estão relacionados no índice de nomes contido no site da FIJM e são típicos sobrenomes de cristãos-novos!”.

No decorrer da conversa telefônica, foi possível registrar, ainda, algumas colocações interessantes feitas pelo rabino Levi: muitos judeus seguiram Cristo nos 2 primeiros séculos da Era Comum e foram, no entanto, destruídos pelos romanos; a Inquisição forçou muitos judeus a se tornarem cristãos e, portanto, se as pessoas descendem deles, são judeus, porque não se tornaram cristãos de livre e espontânea vontade; veja *Ovadhah*, capítulo 1:20 para entender melhor os Filhos de Israel, o Gallut dos Filhos de Israel, que vai de Canaã à França, e o Gallut de Jerusalém, que é Sefardita e herdará as cidades do Negev.

A partir dessas afirmativas, deduz-se que o rabino Levi estabelece conexão bíblica entre os descendentes dos cristãos-novos na América como um todo e na América do Sul, em particular. A menção da Espanha sefardita como o local onde habitava o Gallut de Jerusalém e a profecia de seu retorno às terras do sul de Israel constituem pontos fortes em sua argumentação. E, aí, podemos encontrar um local real e mítico, tão comum nas análises antropológicas e geográficas: “não significa que não exista; no entanto, assume forte contexto mítico quando se trata de controle territorial”.¹²

Na conversa telefônica, o rabino Levi fez referência a João, de Brasília, a quem chamou de “rabino Aroch”, e que, estudando, tornou-se um judeu “novamente”. Quando questionado sobre o problema da circuncisão, o rabino Levi respondeu dizendo que “isso não deveria ser motivo de preocupação. No momento devido, a necessidade acabaria sendo sentida. Você é judeu! Vá à ‘sinagoga’.”.

A autora participou da cerimônia de inauguração da “sinagoga” do rabino Aroch. Ao entrar, a primeira impressão era de que se tratava de sinagoga sefardita. Entretanto, o “rabino João”

¹² SMITH, Jonathan. *Map is not territory*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1993.

ficou de frente para a audiência, de costas para a *Torah* (Pentateuco) e havia bancos com acessórios de madeira para a congregação ajoelhar (não se ajoelha nos cultos judaicos). Sobre estes bancos, encontravam-se Bíblias usadas pelos Testemunhas de Jeovah; ou seja, a “sinagoga”, na verdade, mais se parecia com um templo de alguma religião cristã.

Ao final da cerimônia, o “rabino Aroch” concedeu entrevista a jornalistas da imprensa local, que tivemos oportunidade de ouvir. Durante a entrevista, foi afirmado, repetidamente, que o Brasil possui 35 milhões de judeus, embora eles não o saibam: nossa missão é trazê-los de volta e conscientizá-los de sua herança para que possam fazer a *Teshuvah*.

Do púlpito da “sinagoga”, o “rabino” agradeceu a presença da autora, de um Deputado Distrital por Brasília e de pastores protestantes que se encontravam presentes à cerimônia. Em seguida, iniciou sua pregação, unindo elementos que não se combinam, tais como: Brasil e Israel possuem forte laço espiritual, uma vez que a bandeira do Brasil tem as cores da bandeira de Israel, ou seja, o azul e o branco; estamos no ano 5758 do calendário judaico e, na virada do milênio cristão, temos de nos preparar para as profecias. Tais afirmações inspiram os temas centrais deste artigo – tempo e espaço –, que separam os judeus dos judeus messiânicos, sem considerar as crenças do último grupo a respeito de Cristo como Messias.

Tempo e identidade

O conceito de tempo aqui utilizado é o da **história**. No judaísmo, o tempo constitui uma linha reta, que vai do passado ao futuro. Para os judeus messiânicos o tempo é circular, sua identidade foi congelada por cerca de 1.800 anos e agora poderá ser revivida. Por isso, a identidade dos cristãos-novos, criada para judeus, pela Inquisição, há cerca de 5 séculos, na Península Ibérica, liberta-se das restrições impostas pela história e retorna à sua forma original. Conseqüentemente, para os judeus messiânicos, o **tempo** é algo que não segue em direção ao futuro, mas repete-se em um movimento cíclico de cerne identitário.

Esta identidade é étnica, já que diz respeito a um povo. Assim, é auto-atribuída e o reconhecimento de qualquer pessoa como membro do grupo étnico é feito por seus próprios membros. No nível externo, torna-se forma de organização social por meio da qual determinado grupo interage com o outro.¹³ Isso constitui o nível mais profundo de identidade que uma pessoa pode ter, ainda que outras identidades possam existir em termos classificatórios. Um membro de um grupo étnico agirá de acordo com certos padrões estabelecidos, o que enseja o conceito de cultura.

É importante ressaltar que cultura não é o que define um grupo étnico. “O que define um grupo étnico são as fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural que ela engloba”.¹⁴ Os judeus messiânicos empregam símbolos diacríticos para mostrar seu judaísmo, tais como o *kippah* (solidéu), a Estrela de David, vestimentas usadas pelos judeus ortodoxos, palavras em hebraico, etc. No entanto, estes símbolos representam o que está dentro do domínio cultural, não em suas fronteiras.

De acordo com Horowitz, ao se estudar a identidade étnica, deve-se atentar para os processos grupais de incorporação ou de exclusão. A criação de nova identidade étnica, quando um grupo ou um indivíduo decide aderir à outra identidade, não é cronologicamente precedida por mudança cultural, pois esta segue, e não precede, a identidade étnica.¹⁵ Os processos de inclusão/exclusão e de cruzamento de fronteiras relacionam-se ao conceito de tempo circular. Ao dizer que a circuncisão não deveria ser motivo de preocupação, pois a necessidade acabaria sendo sentida, o rabino Levi demonstrou que a mudança cultural seguiria a nova identidade.

¹³ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

¹⁴ BARTH, Frederick. “Introduction”. In: *Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference*. London: F. Barth, George Allen & Unwin, 1969, p. 15.

¹⁵ HOROWITZ, Donald. “Ethnic identity”. In: *Ethnicity, theory and experience*. Cambridge (USA): Glazer & Moynihan/Harvard University Press, 1975, p. 124.

O processo de mudança de identidade étnica é um subproduto do **individualismo**,¹⁶ um subproduto ou o criador da **modernidade**. A tradição, em oposição à modernidade, não permite que uma pessoa se separe de sua comunidade e escolha uma nova identidade. A modernidade, por seu turno, permite que o indivíduo escolha sua identidade em muitos níveis, entre eles, a identidade étnica. Segundo Sollors, a consciência étnica é uma característica da modernidade, uma vez que constitui a escolha individual, uma criação própria, algo unimaginável em outros tempos.¹⁷ Desse modo, assim como o individualismo é contraposição ao comunalismo, o modernismo é contraposição à tradição. Somente na era pós-moderna pode-se escolher a identidade que se quer assumir. No caso do judaísmo, a comunidade exerce papel fundamental porque o indivíduo não pode agir e expressar sua religião sozinho, fora das estruturas comunitárias de referência, como é o caso da *Mynian*.

Para os judeus messiânicos de Brasília, não existe tal conceito, mas a forte liderança carismática do "rabino Aroch" e o chamamento da **história**. Segundo Cardoso de Oliveira, na falta de um grupo étnico de referência, "os novos membros apelarão à sua história (...) e se representarão como uma categoria étnica num sistema ideológico determinado".¹⁸

A história do grupo de judeus messiânicos, que depende de identidade existente há 1.800 anos (500 anos, no caso dos cristãos-novos), auxilia a construção de sua identidade com o aporte do simbolismo histórico-étnico. Os símbolos étnicos, obrigatoriamente contrastantes, encontram seu racional no caráter sempre etnocêntrico da identidade étnica. Dessa forma, segundo Cardoso de Oliveira, pertence à incapacidade universal da "ideologia étnica" a relativização. Não se poderia esperar, portanto, que a comunidade judaica reconheça os judeus messiânicos como legítimos.

¹⁶ DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: the caste system and its implications*. London: Weidenfeld and Nicholson, 1970.

¹⁷ SOLLORS, Werner. *Beyond ethnicity: consent and descent in american culture*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1986.

¹⁸ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, *op. cit.*, p. 13.

Em uma situação de contato, a identidade étnica apresenta 3 domínios: o ideológico, ou seja, a identidade; a organização, isto é, o grupo social; e o processo ou articulação social. O caso que ora estudamos possui os 3 domínios. Os judeus messiânicos criam uma nova identidade, que não é judaica, nem cristã, e um grupo social (mesmo que seja internacional) que se tenta articular com os agrupamentos de judeus já estabelecidos ou com o Estado de Israel em face das suas demandas nacionais.

Nesta época em que o fenômeno da globalização torna-se evidente, essa tentativa de particularizar é um fenômeno comum, conforme se pode verificar nas dezenas de nações que se querem emancipar do Estado constituído e estabelecer base territorial própria. Nunca, na história da humanidade, esta necessidade foi tão sentida como na atualidade. Até uma identidade estigmatizada, como a judaica, é procurada por outros grupos existentes, na tentativa de estabelecer nicho próprio, em meio a todas as tensões advindas da “liberdade” da modernidade. Nesse sentido, esses grupos reagem como fundamentalistas, aderindo ao Velho Testamento e tentando recapturar a identidade destruída há 1.800 anos.

Como mencionado anteriormente, essa é situação empírica ideal para o estudo da questão fundamental do judaísmo na modernidade: o que é ser **judeu**? Nossa tarefa é geográfica e antropológica, pois levanta questões de natureza teórica acerca da identidade étnica, da nacionalidade, da modernidade, da tradição, do individualismo, do particularismo, do espaço e do lugar, do comunalismo e da globalização.

Espaço e Globalização

Como o espaço está ligado à questão do que é ser judeu? Dois conceitos são básicos para este entendimento. O primeiro deles é *Eretz Ysroel*, que significa a Terra de Israel, grafado da maneira ultra-ortodoxa. O segundo é *Gallut*, Diáspora. A palavra *Ysroel* (Israel) refere-se tanto a um **povo** como a um **lugar**. *Gallut*, por sua vez, refere-se ao povo judeu separado do seu **espaço**.

Como povo, Israel constitui uma **comunidade**, mesmo no *Gallut*, unindo o Israel bíblico ao moderno Estado de Israel. Nesse sentido **simbólico**, o espaço permite que “o tempo, uma das maneiras mais importantes de perceber o mundo”,¹⁹ torne-se “Um” (*Echad*), em função das ligações religiosas entre o passado e o presente. Cria-se um único e possível **tempo** no **espaço**, também uno e único da Terra Prometida. O conceito de *Echad* (“Um”) constitui o pilar básico da religião judaica e da sua cultura, conforme pode-se observar na oração mais importante do judaísmo, a *Shemah*. “Ouve Israel, Adonai é nosso Deus, Adonai é Um! Sendo Um é indivisível, o que e/ou o que não pode ser separado, tanto no **tempo** quanto no **espaço**, uma vez que **tempo** e **espaço** não se aplicam ao Mesmo.” Por isso, os mestres da Kabala²⁰ afirmam que “essa é a razão pela qual Zohar Chadash pode afirmar [com base em indicações contidas na Torah, que] os 3 estágios [da realidade] estão unidos entre si – o Ser Supremo, Abençoado Seja; a Torah e Israel. E esta é a razão pela qual são 3 os chamados de *Etz* [árvore].”²¹

Uma árvore está ligada ao solo. As folhas e os galhos (o povo) que são arrancados da árvore não podem ser alimentados. Por isso, a palavra grega *Diáspora* não tem o mesmo sentido da palavra *Gallut*. *Gallut* é percebida como algo basicamente mau, porque pode causar a morte, a decadência e o afastamento de Israel e da Torah, como ocorreu para muitos judeus e comunidades judaicas ao longo do tempo (o próprio *Gallut*, os massacres decorrentes das Cruzadas, a Inquisição, os *pogroms* e, como o ponto mais alto, a *Shoah*, ou o Holocausto).

O povo judeu tem passado por estágios de territorialização e de desterritorialização. A definição do que é **ser judeu**, portanto, sempre esteve ligada à expectativa de retorno à Terra de Israel e aos laços individuais com a comunidade judaica local. Este concei-

¹⁹ ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. New York/London: Verso, 1989 (original 1983), p. 23.

²⁰ Conhecimento místico judaico.

²¹ SAFRAN, Alexandre. *A sabedoria da Cabala*. São Paulo: Colel-Tora Temima, 1995, p. 68.

to de território esteve, e ainda está, presente na atualidade. O conceito é, ao mesmo tempo, simbólico e político.²²

Por outro lado, os territórios das diferentes *Galuyoth* (Diásporas) judaicas tentam simbolicamente reproduzir a Terra de Israel por meio de suas comunidades locais, entendendo-se aqui **comunidade** como pessoas que têm o mesmo interesse e vivem juntas dentro de uma sociedade maior.²³ Embora, no sentido sociológico, esta definição refira-se a um grupo de pessoas que vivem em uma determinada área geográfica, ela continua a ter uma força normativa. Por exemplo, o ideal da comunidade rural continua a ter uma força na imaginação. Assim, em áreas geográficas onde se pode encontrar uma comunidade judaica, pode-se, também, encontrar terra e tempos bíblicos reproduzidos de maneira simbólica de diferentes modos.

Estas reproduções podem ser chamadas de **práticas espaciais**, pois estão

[ancoradas] em padrões culturais específicos de diferentes sociedades (...) [com] o objetivo de tornar possível a existência e reprodução de uma atividade (...) de uma determinada cultura étnica ou religiosa (...). Estes constituem os meios efetivos através dos quais o controle e o manejo do território podem ser obtidos.²⁴

No que concerne especificamente à presente pesquisa, são consideradas tentativas de criar a **territorialidade religiosa**, que constitui o “conjunto de práticas desenvolvidas por grupos ou instituições na tentativa de controlar um território”.²⁵

²² CASTRO, Iná E. *Imaginário político e território: natureza, regionalismo e interpretação*. In: CASTRO, Iná E. et alii. *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997; SMITH, Jonathan. *Map is not territory*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1993; GOMES, Paulo C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

²³ *The Webster seventh new collegiate dictionary*. Springfield (USA): G. & C. Merriam Company Publishers, 1967, p. 168.

²⁴ CORRÊA, Roberto L. “Espaço, um conceito-chave da geografia”. In: CASTRO, Iná E.; GOMES Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 35.

²⁵ ROSENDAHL, Zeny. “Geografia e religião: uma proposta”. *Espaço e cultura*, Ano 1, n. 1, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, 1995, p. 25.

Considerações finais

De acordo com o que se encontra na literatura geográfica, sociológica e antropológica brasileira recente,²⁶ o crescimento dos movimentos evangélicos e pentecostais no Brasil ocorre com base no fenômeno da **globalização** e nos conseqüentes movimentos de capital, de pessoas e de bens (simbólicos ou materiais). Esses movimentos podem ser, *grosso modo*, caracterizados como **fundamentalistas**,²⁷ em virtude de sua resistência à modernidade. Estes movimentos religiosos, até hoje, são formados, em sua maioria, por populações oriundas das zonas rurais que migram para as cidades, bem como pela segunda geração dessas comunidades. Podem ser caracterizados pela interpretação literal do *Tanach* (Velho Testamento), do qual surge grande admiração pela Terra e pelo Povo de Israel. Foi isso que o grupo de judeus messiânicos de Brasília revelou ao escrever em hebraico "Sinagoga Israelense", termo refutado pelo embaixador do Estado de Israel. Estabeleceu-se clara fronteira simbólica entre o território de Israel e a nacionalidade judaica (em Israel, pode-se ter a cidadania israelense e a nacionalidade judaica, cristã ou islâmica).

É importante salientar que, no Brasil, nem todos os grupos evangélicos ou pentecostais são social ou economicamente marginalizados. Com efeito, existe crescente número de grupos que, possuindo melhor nível de educação formal, proclama pertencer à comunidade histórica judaica por meio de herança cristã-nova: isto é, afirmam que seus ancestrais foram judeus, expulsos de Portugal à época da Inquisição, que vieram para o Brasil, onde

²⁶ ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994; FERNANDES, R. C. et alii. *Brasil e Estados Unidos: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988; PALEARI, Giorgio. *Religiões do povo: um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: AM Edições, 1993; PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996, e BLOOMFIELD RAMAGEM, Sonia. "Fundamentalismo e espaços: uma análise geográfica", *op. cit.*

²⁷ BLOOMFIELD RAMAGEM, Sonia. "Fundamentalismo e espaços: uma análise geográfica", *op. cit.*

foram obrigados a viver, por várias gerações, como conversos. O grupo pesquisado estabeleceu sua “sinagoga” na mesma rua em que a ACIB está localizada, o que cria alguma dificuldade quando seu endereço é indicado: o espaço é bem manipulado nas práticas do grupo, com o objetivo de criar um território messiânico.

O surgimento de uma “sinagoga messiânica” em Brasília gerou grande desafio para a comunidade judaica estabelecida na cidade, em termos de identidade (baseando-se na questão de tempo e espaço). O que é ser **judeu**? Como a comunidade judaica pode-se apresentar em contraste com a “outra” sem demonstrar sinais de intolerância? Como reagir ao programa televisivo no qual o “rabino Aroch” foi apresentado como o representante da comunidade em Brasília? O que fazer caso os judeus messiânicos pressionem a administração do cemitério local para enterrar um membro do grupo na área designada para os enterros judaicos. A ACIB deveria aceitar não-judeus como membros? Essas várias questões fizeram que a Confederação Israelita Brasileira (CONIB), inserida em contexto espacial mais amplo, prontamente publicasse, no jornal local de maior circulação, nota em que afirmava que a ACIB é a única representante da comunidade israelita no Distrito Federal, sendo os cultos religiosos dirigidos pelo rabino do Beit Chabad, de acordo com as leis judaicas.²⁸

Considerando que o processo de globalização produz **presumida** homogeneização cultural, esses grupos procuram raízes, reais ou não, que lhes possam dar uma identidade, não tão estigmatizada como antes da criação do Estado de Israel, que alcançou grande desenvolvimento científico e tecnológico e que possui a habilidade de defender seus cidadãos. Desse modo, o grupo apresenta-se como judeu, porém ressalta o conceito de **messiânico** para demonstrar que acredita em Cristo como Messias.

É interessante notar que o mesmo processo de globalização, que é responsabilizado pela perda das identidades, é o mesmo usado pela Federação Internacional de Judeus Messiânicos, localizada nos Estados Unidos, para chegar até os latino-americanos,

²⁸ *Correio Braziliense*, 16 de janeiro de 1999.

seja no Brasil, na Argentina, na Colômbia, no México, etc. Pode-se chegar aonde vivem os migrantes destes e de outros países por meio da Internet, do fax e do telefone. Isso revela outra característica do fundamentalismo como fenômeno gerado pela globalização: embora rejeite a modernidade, não rejeita as modernas tecnologias que permitem a recepção de sua mensagem por possíveis adeptos.

O rabino Levi, com quem mantivemos contato telefônico na FIJM, ao dizer que lêssemos Ovadiah 1:20 ("O Gallut dos Filhos de Israel, que vai de Canaã à França, e o Gallut de Jerusalém, que é Sefardita, e herdará as cidades do Negev"), suscitou outro aspecto interessante do fenômeno que estudamos. Com relação a este, Geiger entende que os judeus foram os precursores da "modernidade" porque, desde a Antigüidade, têm-se movimentado por toda parte, mantendo contatos com terras distantes, estabelecendo-se em algumas delas (por bem ou por mal) e criando laços étnicos/religiosos com *Eretz Ysroel*, utilizando-se de laços familiares e de peregrinações a Jerusalém, o centro do universo.²⁹

Como dito antes, existem poucos estudos que utilizam o conceito de **território**. O mesmo fato ocorre no caso da Geografia, que só recentemente começou a estudar a religião como legítima área de investigação acadêmica. Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam acrescentar dados e informações ao incipiente corpo teórico de interseção entre a Geografia e a Antropologia. A tendência do pensamento moderno é a de não separar a episteme. O conhecimento, como disse D'us a Salomão, é sabedoria e entendimento. "Eu lhe dei um coração sábio e compreensivo". (I Reis 3:12)

²⁹ GEIGER, Pedro P. "O povo judeu e o espaço". *Território*, n. 5, LAGET/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.



recorte aqui

dobre aqui

!SR-47-580/85
UP CT/GOT
DR/BSB

**CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
70919 970 BRASÍLIA DF

P E S Q U I S A

A Editora Universidade de Brasília está desejando conhecer melhor os seus leitores. Em nossos livros você encontra um formulário para preencher e nos enviar e receber gratuitamente informativos sobre nossos lançamentos. Aproveite para dar a sua opinião sobre os nossos livros. Obrigado.

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

UF

CEP

RG

Telefone

Data de nascimento

CPF

Empresa onde trabalha

Profissão

Ramo de atividade

Sexo

masculino

feminino

Possui filhos?

sim

não

Estado civil

casado

solteiro

outros

Qual a faixa etária

0 a 5

6 a 10

acima de 10

Quais são as áreas, dentro de nosso linha de publicação, que mais interessam a você?

Negócios

Biografias

Culinária

Dicionários

Direito

Literatura

Psicologia

Turismo

Informática

Ciências Exatas

Religiões e Crenças

Ciências Biológicas e Medicina

Artes, Esportes e Lazer

Ciências Humanas e Sociais

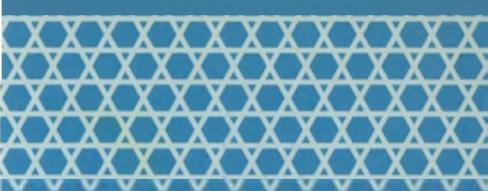
Use este espaço para dar sua opinião e/ou sugestões sobre as nossas publicações.



*Gráfica e Editora
Qualidade Ltda.*

Fone PABX (061) 386-5199
Fax: (061) 386-4200

qualidade@tba.com.br



Clássicos gregos e latinos
Editora UnB

Orestes
Eurípides

Lísis
Platão

Apologia de Sócrates/Crítion
Platão

Agamenon
Ésquilo

As traquinias
Sófocles

Díálogo dos mortos
Luciano

Hipólito
Eurípides

A sogra
Terêncio

A comédia da marmita
Plauto

Pluto (A riqueza)
Aristófanes

Brasil e Israel



Brasil e Israel: diplomacia e sociedades foi escrito, com esmero, por oito autores que analisaram o tema com o objetivo de compreender a substância e o alcance das relações entre estes dois países. A primeira percepção que tivemos com sua leitura leva-nos a crer que não se descortina originalidade marcante nas relações de longo prazo entre Brasil e Israel, quando comparadas com as relações do país judeu com a maioria dos países ocidentais. Com efeito, o Ocidente viu-se na contingência de reagir diante da instabilidade política da região, da ascensão de Israel como potência regional e das grandes oportunidades de negócios criadas pelos países árabes. A conduta das diplomacias ocidentais, de certo modo, assemelhou-se.

Desde o empenho de Oswaldo Aranha em criar o Estado de Israel, quando este brasileiro era Presidente da Assembléia da ONU, em 1947, até nossos dias, a diplomacia brasileira nunca deixou de acompanhar o destino daquela nação do Oriente Próximo e de reagir em face dos acontecimentos que afetavam sua existência. As atitudes do governo brasileiro, como de outros governos, oscilaram, e muito, ante o quadro regional conturbado e ante o dilema de ter de considerar a sorte de países vizinhos a Israel, particularmente a causa do povo palestino. A política internacional teve, na região, uma de suas zonas de alta pressão, com impulsos próprios e não apenas decorrentes das injunções da Guerra Fria. Daí o envolvimento de um país como o Brasil – apesar de alheio ao conflito leste-oeste – com as convulsões políticas do Próximo Oriente.

Código EDU 277487

